

O IMPACTO DO FEEDBACK DA AUDIÊNCIA SURDA NA INTERPRETAÇÃO PARA LIBRAS EM CONTEXTO DE CONFERÊNCIA

THE IMPACT OF DEAF AUDIENCE FEEDBACK ON INTERPRETING INTO BRAZILIAN SIGN LANGUAGE IN CONFERENCE

DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-30

Diego Mauricio Barbosa*

Este estudo investiga os efeitos do *feedback* da audiência sobre a interpretação simultânea do português do Brasil para a Libras em contexto de conferência. A pesquisa, desdobramento daquela de Barbosa (2020), baseou-se na análise de registros audiovisuais de interpretações e em protocolos verbais retrospectivos com os intérpretes. Os resultados revelaram diferentes tipos de *feedback* — interrogativo, confirmativo, corretivo, interativo, de incompreensão, negativo e presumido —, cada um associado a efeitos específicos tal como aumento do esforço cognitivo, reformulações, adições e omissões de informações. Discute-se o equilíbrio entre a manutenção do fluxo interpretativo e a necessidade de correção imediata diante do *feedback*, destacando-se a importância do monitoramento constante das reações da audiência e a importância de práticas formativas que preparem intérpretes para lidar com *feedbacks* em tempo real (Pointurier-Pournin, 2014). O estudo contribui para a reflexão sobre a interpretação em conferências, oferecendo subsídios teóricos e práticos para a formação e o aperfeiçoamento profissional.

PALAVRAS-CHAVE: interpretação de conferência. *feedback* da audiência. estratégias de interpretação. Libras.

ABSTRACT: This study investigates the effects of audience feedback on simultaneous interpreting from Portuguese into Brazilian Sign Language (Libras) in conference settings. The research, a continuation of Barbosa (2020), was based on the analysis of audiovisual records of real-life interpretations and retrospective verbal protocols with interpreters. The results revealed different types of feedback — interrogative, confirmative, corrective, interactive, comprehension-related, negative, and presumed — each associated with specific effects such as increased cognitive effort, reformulations, additions, and omissions of information. The discussion focuses on the balance between maintaining the interpretive flow and the need for immediate correction in response to feedback, emphasizing the importance of constant monitoring of audience reactions and of training practices that prepare interpreters to handle real-time feedback (Pointurier-Pournin, 2014). The study contributes to reflections on conference interpreting, offering theoretical and practical insights for interpreter education and professional development.

KEYWORDS: conference interpreting; audience feedback; interpreting strategies; Brazilian Sign Language.

*Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução – PGET. Professor Adjunto das graduações em Letras: Libras e Letras: Tradução e Interpretação de Libras/ Português na Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1301-640X>. E-mail: diego.barbosa@ufg.br

1 Introdução

A interpretação simultânea é uma prática altamente complexa, que exige do profissional a coordenação de múltiplos processos cognitivos em tempo real e de forma ininterrupta: compreender a informação, armazená-la deixando-a disponível para uso imediato e posterior, reformular a mensagem na outra língua e entregar. Essa complexidade aumenta em contextos de conferência, nos quais a informação a ser processada é densa, os temas costumam ser especializados, a alternância entre fala espontânea e não espontânea (ex.: leitura de trechos de um texto acadêmico) e o ritmo acelerado do discurso impõe grande pressão temporal ao intérprete.

No caso da interpretação simultânea do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a complexidade ganha contornos adicionais devido à diferença de modalidade entre as línguas envolvidas — oral-auditiva e visuoespacial — e os comentários da audiência surda direcionada ao intérprete. Ao contrário da interpretação de outros pares linguísticos que geralmente a audiência é passiva, nas conferências com público surdo é comum que haja *feedback* imediato, manifestado por expressões faciais, sinais de dúvida, interrupções ou perguntas diretas. Esse tipo de intervenção, denominado aqui de *feedback* interrogativo, pode ser entendido como uma forma de interação que contribui para a construção compartilhada do sentido, mas que também desafia a continuidade e a linearidade das informações entregues pelo profissional.

Podemos considerar que a interpretação simultânea é um processo contínuo de tomadas de decisões que podem impactar tanto positivamente como negativamente o objetivo final da tarefa, que é a entrega do texto para os seus receptores. No sentido da tradução, Levý (1967, traduzido por Althoff; Vidal, 2012, p. 72) diz que,

[...] traduzir é um PROCESSO DE DECISÃO: uma série de um certo número de situações consecutivas — movimentos, como em um jogo — que impõe ao tradutor a necessidade de escolher dentre um certo número (muitas vezes perfeitamente definível) de alternativas.

Enquanto na tradução o tradutor pode “experimentar” as decisões que toma, na interpretação as decisões tomadas são incorrigíveis. O profissional, além de lidar com os problemas linguísticos e dificuldades situacionais, precisa administrar diferentes esforços

cognitivos que ocorrem simultaneamente — como ouvir, compreender, analisar e reformular a mensagem em tempo real e de forma ininterrupta. Nesse contexto, cada escolha do intérprete pode representar uma solução adequada, mas também pode resultar em uma decisão infeliz, ocasionando desvios de sentido, omissões de informações relevantes ou até erros na produção do discurso. Assim, a interpretação se mostra como um processo altamente dinâmico e sujeito a riscos, em que a tomada de decisões constantes é o elemento central.

Nos Estudos da Interpretação, encontramos discussões acerca de modelos cognitivos (Gile, 1995; Setton, 1999) e em descrições de estratégias linguísticas utilizadas para resolver problemas de processamento (Cokely, 1986; Riccardi, 1998; Jones, 1998; Napier, 2001; Leeson, 2005; Bartłomiejczyk, 2008; Gile, 2009). Entretanto, poucos estudos analisam como o *feedback* da audiência interfere no desempenho do intérprete, sobretudo em contextos de línguas de sinais. Como observa Pointurier-Pournin (2014), o *feedback* em tempo real pode alterar significativamente o percurso da interpretação e causando um esforço cognitivo a mais.

Este artigo apresenta um desdobramento da tese de Barbosa (2020), que investigou as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea português–Libras em conferência. A partir da análise de registros audiovisuais de conferências reais e de protocolos verbais retrospectivos realizados com intérpretes, o autor identificou o acionamento de diferentes estratégias.

O foco aqui recai sobre a dimensão interacional da atividade, explorando os efeitos do *feedback* interrogativo da audiência sobre a fluidez da interpretação e sobre as decisões estratégicas adotadas pelos intérpretes. Assim, buscou-se compreender: (a) de que forma o *feedback* da audiência impacta os esforços cognitivos dos profissionais; (b) quais estratégias são acionadas em resposta às intervenções; (c) quais consequências imediatas essas escolhas produzem na coerência e na completude do discurso interpretado.

A relevância desta investigação é dupla. Do ponto de vista teórico, contribui para ampliar o debate nos Estudos da Interpretação sobre o papel da audiência na configuração do processo interpretativo, destacando a interação intérprete-receptores. Do ponto de vista profissional, oferece subsídios para compreender como os intérpretes de Libras podem gerenciar situações de alta demanda cognitiva e interacional em conferências e quais as consequências disso.

2 Modelo dos Esforços para a Interpretação das Línguas de Sinais – Gile (1999) e Pointurier-Pournin (2014)

A interpretação simultânea é uma atividade complexa que exige do profissional o gerenciamento constante de recursos cognitivos. Nesse cenário, o Modelo dos Esforços, proposto por Daniel Gile, consolidou-se como uma das abordagens mais reconhecidas nos Estudos da Interpretação, justamente por traduzir em termos operacionais as etapas cognitivas implicadas no ato interpretativo. Embora tenha recebido críticas por sua suposta generalidade, o modelo não pretende descrever detalhadamente mecanismos neurológicos, mas oferecer uma ferramenta didática e reflexiva para a formação de intérpretes e para a análise do processo de interpretação (Gile, 1992; 1995).

A origem do modelo está vinculada à hipótese da “corda bamba” (*tightrope hypothesis*), segundo a qual o intérprete simultâneo atua em equilíbrio frágil, sempre próximo do limite de sua capacidade cognitiva. Assim como um equilibrista, ele precisa coordenar diferentes esforços simultaneamente, de modo que qualquer sobrecarga em um dos esforços pode levar a falhas, manifestadas em erros ou omissões (GILE, 1999). Essa hipótese desloca a explicação das dificuldades da interpretação de fatores exclusivamente textuais para a limitação intrínseca da capacidade de processamento humano.

Em seus primeiros trabalhos, Gile (1992) apresentou o modelo aplicado à interpretação consecutiva, descrevendo três operações fundamentais: (L)¹ ouvir e analisar as informações da língua de partida; (M) reter e processar tais informações na memória de curto prazo; e (N) realizar a tomada de notas. Na segunda etapa, o intérprete reconstrói a mensagem (C), lê as notas (RN) e realiza a produção na língua de chegada (P). Essa proposta evidenciava que a interpretação não é um processo de substituição automática entre línguas, mas um encadeamento de operações interdependentes, sujeitas a sobrecarga.

Posteriormente, Gile (1995) expandiu sua análise com foco pedagógico, destacando que os Modelos dos Esforços têm por objetivo ajudar os intérpretes em formação a

¹ As letras maiúsculas apresentadas no texto são abreviações dos esforços cognitivos apresentados por Gile (1992), que são: L → “listening”; M → “memory”; N → “note taking”; C → “communication”; RN → “reads the notes”; P → “produces”.

compreenderem as dificuldades e a desenvolverem estratégias adequadas. Bem como afirma o autor, “os Modelos de Esforço são projetados para ajudá-los a compreender essas dificuldades e selecionar estratégias e táticas apropriadas” (Gile, 1992, p. 191, tradução nossa²).

A consolidação da hipótese da “corda bamba” é detalhada em Gile (1999), com o auxílio de um teste empírico de sua teoria por meio de um experimento com intérpretes profissionais. Os resultados mostraram que, mesmo em uma segunda interpretação de um mesmo texto, os erros e as omissões continuavam a ocorrer, contrariando a expectativa de que a familiaridade com o material reduziria as falhas. Isso reforçou a ideia de que a interpretação simultânea sempre se realiza próxima ao limite cognitivo do intérprete.

Em obra posterior, Gile (2009) sistematizou suas reflexões em *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*, que se tornou uma referência global na formação de intérpretes. Gile (2009) destaca o caráter decisório da interpretação, pois segundo ele, “em cada fase da compreensão, o segmento relevante do texto de partida é interpretado com os recursos existentes e, assim, são tomadas decisões” (GILE, 2009, p. 74, tradução nossa³). Essa perspectiva aproxima o Modelo dos Esforços das discussões contemporâneas em Estudos da Interpretação, ao reconhecer o intérprete como agente ativo no gerenciamento de recursos, estratégias e prioridades.

Outro aspecto relevante é a adaptação desse modelo à interpretação em línguas de sinais. Em sua tese de doutorado, Pointurier-Pournin (2014), orientada por Gile, identificou esforços específicos para a interpretação da língua de sinais, como: a interação imediata com os receptores surdos (IIS) e a autogestão no espaço (AGE). Além de englobar esses novos esforços a partir da tese de Pointurier-Pournin (2014), Gile (2015) propôs a substituição do esforço de audição por esforço de recepção, englobando tanto a escuta quanto a visualização de sinais, evidenciando a flexibilidade do Modelo dos Esforços para abarcar diferentes modalidades comunicativas.

² No original: “The Effort Models are designed to help them understand these difficulties and select appropriate strategies and tactics.” (Gile, 1992, p. 191).

³ No original: “Lors de chaque phase de compréhension, le segment de Texte de départ concerné est interprété avec les ressources existantes et des décisions sont prises.” (Gile, 2009, p.74)

Em síntese, o Modelo dos Esforços não se configura como uma teoria totalizante, mas como um instrumento heurístico. Sua força está na clareza com que organiza o processo interpretativo em etapas cognitivas interligadas, permitindo identificar pontos de sobrecarga e refletir sobre escolhas estratégicas. Para esta pesquisa, sua adoção justifica-se pela possibilidade de articular, de forma inteligível, as demandas cognitivas envolvidas na interpretação simultânea e os mecanismos de decisão que caracterizam o desempenho do intérprete.

2.2 O Modelo IDRR (Interpretação–Decisões–Recursos–Restrições)

O modelo IDRR (Interpretação – Decisões – Recursos – Restrições), proposto por Gile (2009), busca descrever o processo interpretativo a partir de uma perspectiva dinâmica e cognitiva. Trata-se de um modelo descritivo, aplicável a diferentes vertentes teóricas, que não se restringe à análise do produto final, mas concentra-se no processo. Nesse sentido, o modelo IDRR evidencia que a interpretação ocorre por meio de um fluxo sucessivo de decisões, em que o intérprete, ao interpretar o texto de partida, precisa mobilizar recursos disponíveis e lidar com restrições inerentes a cada situação.

Na primeira etapa, o foco recai sobre a interpretação, compreendida como a recepção e o entendimento da mensagem na língua de partida. Esse momento envolve operações cognitivas complexas. Tais decisões dizem respeito à seleção de unidades de interpretação, ao nível de análise empregado e à adequação do texto ao contexto comunicativo. Em seguida, o processo avança para a reformulação, fase em que as escolhas estratégicas ganham forma no texto de chegada. Aqui, a tomada de decisão é constante e se manifesta, por exemplo, na seleção lexical, na estruturação sintática e na opção por estratégias como adição ou omissão.

O modelo também destaca o papel dos recursos e das restrições. Os recursos englobam desde competências linguísticas e cognitivas até conhecimentos declarativos, habilidades sociais, recursos técnicos, materiais externos (dicionários, glossários, bases de dados) e competências organizacionais. Já as restrições correspondem aos limites impostos a esses recursos, como lacunas lexicais na língua de chegada ou insuficiência de repertório técnico em

determinados domínios. Assim, as restrições funcionam como barreiras que condicionam as escolhas possíveis dentro do processo interpretativo.

A contribuição do modelo IDRR reside, portanto, em sua clareza representacional: ao esquematizar a interpretação como um processo decisório contínuo, em que interpretação, recursos e restrições interagem, possibilitando o profissional e o pesquisador visualizarem em que etapas ocorrem os principais desafios e quais estratégias linguísticas de resolução de problemas são acionadas. Além disso, o modelo IDRR enfatiza a importância do monitoramento: cada decisão tomada precisa ser avaliada em tempo real, já que escolhas equivocadas podem gerar consequências mais graves, como distorções de sentido ou perdas significativas na transferência da mensagem.

O modelo IDRR também pode ser repensado quando aplicado à interpretação em línguas de sinais, pois o processo não ocorre de maneira linear e isolada, mas atravessado pela presença e pelo retorno da audiência surda. O *feedback* imediato dos usuários da interpretação atua como um elemento regulador das etapas do modelo.

Na fase de interpretação com decisões, o intérprete não apenas compreende a mensagem da língua de partida, mas também precisa avaliar constantemente se o sentido construído está sendo acessível e pertinente para o público. Olhares, expressões faciais e sinais de dúvida ou de confirmação funcionam como indicadores de compreensão que podem levar o intérprete a ajustar suas escolhas em tempo real.

Durante a reformulação com decisões, esse *feedback* influencia diretamente as estratégias adotadas. O intérprete pode optar por reformular enunciados, simplificar estruturas ou até inserir explicações adicionais quando percebe que a audiência não está acompanhando o ritmo ou as informações entregues na interpretação. Nesse sentido, a tomada de decisão não se limita à seleção lexical e sintática, mas envolve também um ajuste responsivo ao público-alvo, reforçando o caráter interativo da interpretação em línguas de sinais.

Quanto aos recursos, o *feedback* expõe de maneira imediata as potencialidades e os limites das competências mobilizadas. Por exemplo, se o intérprete demonstra dificuldade em apresentar um termo técnico, a audiência pode solicitar esclarecimentos, evidenciando a limitação de um recurso linguístico específico. Do mesmo modo, as restrições podem ser

negociadas com a audiência: diante da ausência de um equivalente lexical, o intérprete pode criar uma estratégia compartilhada com os surdos, que validam (ou não) a solução apresentada.

Assim, o *feedback* da audiência surda não é um elemento periférico, mas um componente constitutivo da execução do modelo IDRR em contextos de interpretação em Libras. Ele garante o monitoramento constante da qualidade da interpretação e amplia a noção de tomada de decisão, que passa a ser entendida não apenas como um ato cognitivo individual, mas como um processo interativo e colaborativo.

3 Metodologia

O estudo que deu origem a nossa discussão foi de caráter exploratório e qualitativo, voltado à análise das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea em conferência do português para a Libras. A escolha por uma abordagem exploratória justifica-se pelo fato de o tema ainda ser pouco investigado nos Estudos da Interpretação, e a perspectiva qualitativa permite observar em detalhe os processos envolvidos na tomada de decisão dos intérpretes.

Barbosa (2020) realizou o levantamento das estratégias linguísticas a partir de pesquisas que são pautadas na interpretação simultânea. A seguir, apresentamos um compilado das estratégias linguísticas para uso na solução de problemas.

Quadro 1 – Estratégias linguísticas de solução de problemas para a interpretação.

Estratégia	Autor(es)	Definição
Omissão	Napier (2001), Leeson (2005) e Pym (2008)	É utilizada pelos intérpretes de forma consciente, visando a gestão do tempo durante o processo. O ideal é quando são omissões de baixo risco, ou seja, informações secundárias e que não apresentem perda de informações que são relevantes para a compreensão do texto.
Adição	Cokely (1992) e Leeson (2005)	É utilizada pelos intérpretes de forma consciente quando eles identificam que a informação na língua de partida não está clara, desta forma ele opta por adicionar uma informação (sem desviar da mensagem da língua de partida) com o objetivo de entregar um texto mais compreensível para os receptores do texto de chegada.
Adição por redundância	Barbosa (2020)	É utilizada pelos intérpretes de forma consciente quando ele identifica uma diversidade grande na audiência (pessoas de diferentes regiões do país e/ou níveis de escolaridade) ele opta por adicionar dois ou três sinais com o mesmo significado, com o intuito da informação alcançar o máximo dos receptores.
Explicitação e Implícitação	Gumul (2017)	É utilizada pelos intérpretes de forma consciente quando ele identifica informações implícitas contidas no texto de partida e opta por torná-las explícitas no texto de chegada ou ao contrário.
Substituição	Cokely (1992) e Leeson (2005)	É utilizada pelos intérpretes de forma consciente quando, por exemplo, o fluxo de informação que está recebendo aumenta repentinamente decidindo por um termo ou frase que seja mais precisa, com o intuito de recuperar o tempo de atraso (<i>lag time</i>) de maior conforto. Essa estratégia é a combinação da omissão com a substituição.

Redução	Cokely (1986) e Lawrence (2007)	É utilizada por intérpretes de forma consciente quando recebem uma informação da língua de partida e opta por reduzi-la, entregando uma informação com menos detalhes na língua de chegada. Geralmente acontece quando o espaço de tempo entre a recepção e a entrega é grande e existe a pressão de novas informações que estão chegando.
Expansão	Lawrence (1994)	É utilizada por intérpretes de forma consciente quando optam pela expansão do discurso da língua de partida por meio de elementos da língua de sinais como, por exemplo, o uso de descritores imagéticos (classificadores). Essa estratégia é utilizada para tornar a informação mais clara para os receptores.
Parafraseamento	Leeson (2005)	É utilizada de forma consciente pelos intérpretes quando a informação recebida na língua de chegada não é reconhecida ou o intérprete não encontra este conceito na língua de chegada. Por exemplo, quando a palavra ou frase em português é entendida pelo intérprete, mas não há ou ele não acha equivalentes de sentido para representá-lo(s) em língua de sinais. Nesse caso ele utiliza vários sinais para entregar a informação.
Antecipação	Bartłomiejczyk (2008)	É utilizada de forma consciente quando uma informação da língua de partida é antecipada na interpretação por inferência do profissional. Lembrando que essa estratégia é arriscada, uma vez que o intérprete pode fazer uma inferência equivocada sobre o caminho que a informação seguirá.
Empréstimo	Jones (1998) e Gile (2009)	É utilizada de forma consciente quando o intérprete não encontra um equivalente de sentido para a informação da língua de partida e reproduz a mesma informação na língua de chegada, por exemplo a soletração manual da palavra em português. Complementamos essa estratégia com o empréstimo de outras línguas de sinais que geralmente são utilizados seguidos de soletração manual para desambiguar o significado.
Reformulação	Jones (1998)	É utilizada de forma consciente quando o intérprete encontra um conceito que não existe na língua de chegada, podendo ser de ordem cultural, técnica ou linguística (sintaxe). Ou, no caso da interpretação para a língua de sinais, quando os receptores evidenciam que não entenderam a informação, o profissional precisa reformular a informação para que faça sentido.
Recapitulação	Jones (1998)	É utilizada de forma consciente quando o intérprete sente a necessidade de “recapitular” o que o palestrante já mencionou no decorrer do discurso fazendo um “resumo” desse ponto em questão. Essa estratégia não indica que a informação principal será substituída por um resumo, mas, que se somando a ela com o objetivo de recapitular uma informação já apresentada.
Explicação	Jones (1998)	É utilizada de forma consciente quando o intérprete encontra uma informação ou situação específica (como referências culturais) que deve ser explicado para os receptores. Lembrando que é uma estratégia que demanda tempo e se não houver tempo para isso, ele não deve forçar essa explicação em detrimento de outras informações que está recebendo.

Fonte: adaptado de Barbosa (2020).

O *corpus* foi composto por interpretações realizadas durante o 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação (ConEI). Participaram intérpretes com mais de 10 anos de experiência profissional, formação em nível superior e atuação em contextos de ensino superior e conferências. Além da atuação profissional, os participantes também se caracterizam por sua inserção acadêmica, sendo pesquisadores vinculados aos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais. Do ponto de vista do perfil sociodemográfico, o grupo foi composto por dois sujeitos do gênero masculino e uma do gênero feminino. Os profissionais estavam de acordo com a participação na pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram selecionados quatro eventos interpretativos, sendo dois de um mesmo intérprete, a partir dos seguintes critérios: duração mínima de 20 minutos, direção Português–Libras e filmagens íntegras, sem cortes ou ruídos que inviabilizassem a análise.

A coleta de dados foi organizada da seguinte forma: (1) etapa principal, com gravação de interpretações em vídeo; (2) análise preliminar das estratégias de solução de problemas utilizadas nas interpretações; e (3) realização de entrevistas retrospectivas, baseadas nos Protocolos Verbais (*Think-Aloud Protocols* – TAPs). Nessas entrevistas, os participantes revisitaram suas performances e relataram as dificuldades enfrentadas, os motivos para determinadas escolhas e as estratégias adotadas diante dos problemas identificados.

A análise dos dados foi conduzida de forma a integrar tanto o produto da interpretação (as gravações audiovisuais em contexto de conferência) quanto o processo cognitivo e decisório dos intérpretes (acessado por meio dos Protocolos Verbais). Para tanto, organizamos as etapas analíticas em três momentos principais.

No primeiro momento, realizamos a seleção e sistematização do *corpus*, considerando os critérios estabelecidos (interpretações com duração mínima de 20 minutos, na direção Português–Libras e com filmagens íntegras). Os trechos foram transcritos e organizados, contendo: (a) a transcrição em português; e (b) comentários do pesquisador. Essa etapa buscou dar visibilidade às ocorrências e facilitar o diálogo entre dados brutos e análise interpretativa.

No segundo momento, procedeu-se ao cruzamento entre as análises das gravações e os relatos retrospectivos dos intérpretes. Esse procedimento foi fundamental para compreender não apenas “o que ocorreu” na interpretação, mas também “como” e “por que” o intérprete tomou determinadas decisões diante do *feedback* da audiência surda. A triangulação entre produto (interpretação), processo (protocolos verbais) e observação do pesquisador garantiu maior robustez às análises.

Por fim, aplicamos a análise temática (Braun; Clarke, 2006), com vistas a identificar padrões recorrentes e gerar categorias analíticas que descrevem os diferentes tipos de *feedback* emitidos pela audiência surda, seus impactos no processo interpretativo e as estratégias mobilizadas pelos intérpretes em resposta.

4 Análise dos Dados

A análise dos dados desta pesquisa foi organizada de modo a articular a descrição dos fenômenos observados, relacionando-os ao referencial teórico que sustenta este estudo. Primeiramente, expõem-se os trechos selecionados das interpretações, acompanhados de

comentários do pesquisador, para que o leitor entenda o contexto e visualize de maneira clara as situações em que ocorreu o *feedback* da audiência surda. Em seguida, apresentam-se os comentários dos intérpretes obtidos por meio dos Protocolos Verbais (TAPs), que possibilitam compreender as decisões tomadas durante a tarefa.

Quadro 2 – Análise da interpretação 1⁴.

Trecho em português	Comentário explicativo do pesquisador	Estratégias Linguísticas acionadas
[...] dentro de um projeto de pesquisa que é o nosso que se chama (1) “MOBILANG” mobilidades e (2) línguas em contato e que trabalha tanto a questão da dos contatos e misturas de línguas em situações e (3) contextos migratórios. Mas também o papel do intérprete e do (4) tradutor dentro dessa situação global muito marcada pelas mobilidades humanas.	Neste momento (1) o intérprete recorre ao uso do empréstimo linguístico, da sigla do projeto [M-O-B-I-L-A-N-G]. Neste trecho (2) o intérprete adiciona o sinal de contato duas vezes, utilizando uma variação. No trecho (3) ele utiliza uma terminologia específica [imigração] quando a palestrante fala sobre “contextos migratórios” que ainda não é tão utilizada e por isso recorre a estratégia de empréstimo linguístico junto com uma explicitação, pois ele traz uma informação que é implícita quando falamos de imigração que é a “mudança” e com isso acaba antecipando a informação que virá logo após esse trecho. Neste momento (3) o intérprete sinaliza apenas [INTÉRPRETE] e omite o “tradutor”.	Empréstimo, explicitação com antecipação e omissão de baixo risco

Fonte: elaborado pelo autor.

No recorte apresentado (Quadro 2), observa-se o uso de uma estratégia de substituição lexical motivada pelo *feedback* imediato da audiência. O intérprete, ao identificar sinais de incompreensão, opta por abandonar a variante menos convencional do sinal de “contato” e reformular com uma forma mais tradicional e amplamente reconhecida. Essa estratégia evidencia a capacidade de reformulação responsiva, que é acionada para garantir a compreensão. Embora essa escolha resulte em uma ruptura no fluxo da entrega e implique aumento do esforço cognitivo — já que o intérprete precisa replanejar em tempo real sua produção —, o ajuste assegura que a audiência tenha acesso ao sentido da mensagem. Segue o trecho da entrevista retrospectiva:

Esse segundo “contato” foi porque, se eu não estou esquecido, eu uso a construção de línguas de contato que é a construção que eu conheço que é o que a gente geralmente usa pra falar disso. E eu tenho uma reação de alguém na audiência que não conhece o sinal. Aí eu vou e troco para o “contato” mais tradicional, fora do uso linguístico. Aí, pra poder explicar esse sinal. Dá pra ver que é uma ruptura mesmo na minha entrega, eu estou entregando o sinal de “língua em contato” e de repente eu mudo pro outro contato porque eu tive alguma reação da audiência que fez eu deixar

⁴ O vídeo há que se refere as análises da interpretação 1 está disponível em:

<https://youtu.be/yKRattPVmsY?si=V0mps5WQignYcrN->

mais claro o que eu estava falando ali. E isso, do ponto de vista da tarefa é negativo. Porque acaba sendo algo, acaba sendo mais uma variável pra eu me preocupar. Então, isso dá uma ruptura na minha escolha, eu preciso replanejar, eu tenho que mudar o sinal que eu estou usando. Então, do ponto de vista da tarefa é ruim. Só que pro ponto de vista do produto e do cliente é positivo. Porque aí, nesse momento eu tinha uma ou mais pessoas na minha audiência que não tinham compreendido a mensagem. E aí, por eu ter que planejar de novo, pra trocar o uso elas entendem. Então, eu sinto obviamente o ônus disso na tarefa. Mas, é um mal necessário pra maximizar o produto e a compreensão do produto que estava ali.

Esse episódio ilustra como o *feedback*, tanto positivo quanto negativo, atua como termômetro da produção interpretativa, fornecendo ao intérprete indícios que escapam ao automonitoramento. Do ponto de vista processual, o impacto é claro: há um acréscimo de carga cognitiva e uma quebra na linearidade da interpretação. Contudo, do ponto de vista do produto, a decisão é estrategicamente adequada, pois maximiza a compreensão do público. Esse caso confirma que, em contextos de interpretação em Libras, o *feedback* desempenha papel constitutivo no gerenciamento dos esforços, funcionando como um gatilho externo que pode desestabilizar o processo, mas que, ao mesmo tempo, contribui para a qualidade final da mensagem. Quadro 3 – Análise da interpretação 1.

Trecho em português	Comentário explicativo do pesquisador	Estratégias Linguísticas acionadas
[...]Nós assinamos um acordo recentemente também com a (1) defensoria pública da união e como vocês sabem é um órgão que proporciona uma defesa, uma assistência jurídica pra pessoas que não têm meios para é... adquirir essa assistência por seus próprios meios... [...] nós vamos assinar mês que vem um acordo com o ministério público do distrito federal que busca uma assistência linguística pra mulheres que sofrem uma situação de (1) violência doméstica entre refugiadas imigrantes e em especial chinesas e venezuelanas [...]	Neste momento (1) o intérprete recorre à soletração das palavras [D-E-F-E-N-S-O-R-I-A P-Ú-B-L-I-C-A D-A U-N-I-Ã-O] e, posteriormente, ele faz a cenarização da pessoa que precisa de assistência jurídica e não tem condições financeiras, interagindo com a Defensoria Pública da União para conseguir esse auxílio. Neste trecho (1), o intérprete utiliza mais de um sinal para evidenciar a violência sofrida pelas mulheres refugiadas, chinesas e venezuelanas. Contudo, omitiu a palavra “doméstica”, que não interferiu no entendimento do trecho interpretado.	Empréstimo e parafraseamento.

Fonte: elaborado pelo autor.

No trecho apresentado (Quadro 3), identifica-se o uso de estratégias de empréstimo linguístico (soletração manual) e do uso de variantes de um mesmo sinal (adição por redundância) como recursos para lidar com a diversidade do público. A escolha pela datilologia de “Defensoria Pública” buscou garantir a clareza terminológica, uma vez que não havia

garantia de que todos na audiência compartilhavam o mesmo sinal para o conceito. Do ponto de vista da tarefa, essa decisão ampliou a transparência da mensagem, mas gerou aumento da carga cognitiva do intérprete, já que a datilologia exige foco atencional prolongado. Como consequência, observou-se a perda parcial de informações subsequentes, evidenciando o risco de omissões quando a estratégia mobiliza recursos de forma intensiva. Segue o trecho da entrevista retrospectiva:

Defensoria Pública é um termo que eu sei que em Brasília a gente usa muito esse sinal, em Minas. Mas, eu preferi trazer a soletração pra deixar claro o que era, pela diversidade do público que estava ali e foi bom porque nesse momento a fala dela me permite, ela me dá tempo suficiente para construir isso. Eu consigo trazer, “Defensoria Pública” inclusive eu faço “da União”. Em um contexto que eu fosse um pouquinho mais limitado de tempo eu não faria, mas o tempo me permitiu eu fazer tudo e eu consigo voltar no ponto que eu estava, eu não perco informação. Mas isso, muito pelo ritmo de fala dela, nesse momento, me permite fazer isso. Nas informações que vem posteriormente fica bem condensado. Principalmente porque nessa hora eu não peguei os “meios” que seria meios financeiros. Eu não peguei essa informação na hora, isso me fugiu. Eu só falo, “pessoas que estão tentando auxílio e não conseguem, contam com o apoio da Defensoria”. Mas isso, eu acho que não entendi, que esses “meios” eram financeiros, não consegui fazer essa inferência de jeito nenhum. Se formos olhar, a datilologia (soletração manual das palavras) exige um foco atencional maior, então eu acho que tenho que prestar muita atenção na datilologia que eu estou fazendo e isso fragiliza, tanto a minha compreensão que eu não consigo entender que “meios” era financeiro, eu acho que aí eu acabo omitindo a parte do jurídico, que aí eu não sei... Talvez por isso, a datilologia me exige uma atenção maior e eu acabei usando um tempo muito longo pra isso e isso fragilizou o outro trecho da mensagem, com certeza. Eu penso que seria isso.

A análise também mostra o uso da adição de variantes de sinais – estratégia de adição por redundância – para um mesmo termo (“violência”), com o intuito de tornar a interpretação mais acessível para diferentes perfis de receptores. Essa estratégia reflete a especificidade da interpretação em Libras: o intérprete raramente se dirige a um único interlocutor, mas a uma audiência heterogênea, cujas necessidades influenciam diretamente as decisões tomadas. Embora essa multiplicidade de sinais tenha resultado em um enfraquecimento da construção de “doméstica” em “violência doméstica”, a opção evidencia o esforço do profissional em priorizar a compreensão coletiva, ainda que em detrimento da precisão em alguns pontos.

Assim, observa-se que a presença de múltiplos receptores e seus possíveis *feedbacks* atua como fator determinante no processo interpretativo, exigindo escolhas complexas e nem sempre lineares. Por um lado, esse cenário aumenta a pressão sobre a memória e a coordenação dos esforços, além de abrir margem para omissões. Por outro, representa um ganho para o público, que recebe uma mensagem ajustada à diversidade de compreensão

presente no grupo. Nesse sentido, a análise confirma que as decisões interpretativas em Libras são moldadas pelo equilíbrio delicado entre capacidade cognitiva disponível e maximização da compreensão coletiva.

Quadro 4 – Análise da interpretação 2.⁵

Trecho em português	Comentário explicativo do pesquisador	Estratégias Linguísticas acionadas
[...] Só queria fazer uma pequena correção, no momento eu não estou trabalhando na (1) Estácio, eu trabalho na (1) Glendon no programa de mestrado em interpretação na universidade de (2) York que fica no (1) Canadá, (2) o primeiro ano funciona todo on-line, eu leciono nesse primeiro ano. E, sou diretora junto com a (2) Marcelle minha sócia da (1) interpret2B [...] o roteiro aqui do que a gente vai falar, falar um pouco sobre as demandas no Brasil, os amparos legais, um contraponto aqui com o (3) Cristiano, né! Eu acho que a gente no Brasil, estamos percorrendo um pouco do caminho que os (4) Estados Unidos fez lá na década de 80, é muito parecido. Eu acho que a gente pode olhar para o percurso que (5) o Cris pontuou [...]	Neste trecho (1) a intérprete utiliza o empréstimo linguístico por meio da datilologia para [E-S-T-Á-C-I-O], [G-L-E-N-D-O-N], [C-A-N-A-D-Á] e [I-N-T-E-R-P-R-E-T-2-B] que nesse último caso identificamos um equívoco na soletração [I-N-T-E-R-P-R-E-T-E-R-2-B]. No trecho (2) identificamos omissões que foram decorrentes do tempo gasto com o empréstimo linguístico e a quantidade de informações nesse espaço de tempo. No primeiro trecho (3) a intérprete fez omissão do nome mencionado pela palestrante. No segundo trecho (4) a antecipação ocorreu no momento que a palestrante falou sobre a situação do Brasil. Nesse instante a intérprete antecipa a ideia sobre a comparação que seria feita entre Brasil e EUA, que é citada logo depois pela palestrante. No último trecho (5) a intérprete fez omissão do nome mencionado pela palestrante, uma omissão de baixo risco por se tratar do nome de alguém que estava presente no contexto.	Empréstimo linguístico e omissões de baixo risco

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste recorte (Quadro 4), a intérprete mobiliza duas estratégias principais: a explicitação, para recuperar, em Libras, uma informação que estava implícita na entonação da palestrante em português, e a adição por redundância, que consiste em utilizar dois ou mais sinais para o mesmo conceito, contemplando variações regionais e garantindo maior clareza para receptores diversos. É relevante destacar que essa última estratégia não foi acionada de forma espontânea, mas como resposta a um *feedback* direto da audiência, que sugeriu sinais alternativos durante a interpretação. Segundo a intérprete:

⁵ O vídeo há que se refere as análises da interpretação 2 está disponível em:

<https://youtu.be/EY5NAsDqeW8?si=t0pYKWxFWOKppmxJ>

Eu acho que [...] que não ficou muito claro, que ela conversa com ela mesmo, fazendo essa reflexão, porque no português é perceptível porque ela muda a entonação da voz, mas na Libras não ficou claro que quando ela volta dos EUA ela vai procurando quem é que não fala português no Brasil. Eu acho que ficou um pouco confuso na utilização do espaço, essa informação. No [...] eu tento fazer uma explicitação em libras que tenta de algum modo recuperar essa informação que antes ela estava tentando fazer, que ela estava falando em português do tipo: “eu fiquei me perguntando: quem é que não fala português? Eu preciso saber, eu preciso fazer alguma coisa para resolver essa demanda” algo mais ou menos nesse sentido, e aí eu utilizo esse sinal arregaçar as mangas, como algo de tipo “é preciso fazer alguma coisa”, e esse arregaçar as mangas, ali eu a responsável no sentido de correr atrás, de procurar saber um pouco mais sobre essas demandas e realidades aqui no Brasil! Passou um pouquinho, mas eu acho que no 3min 16 teve uma explicitação também de sinais eu conhecia o sinal de turista e de turismo, eu conhecia um sinal, e me jogaram da plateia, não foi o meu apoio, foram outras pessoas, que me jogaram outros sinais, como o congresso trabalhava com tinham públicos de diferentes Estados do Brasil eu fiz os dois, como um modo de tentar aproximar essas comunidades da variação linguística.

O impacto imediato foi a necessidade de reformulação do discurso para suprir uma lacuna de compreensão gerada pela ausência inicial da marcação entonacional. A explicitação funcionou como mecanismo de reparo, mas exigiu redistribuição dos esforços cognitivos em tempo real. A adição por redundância, por sua vez, gerou aumento da carga cognitiva e quebrou parcialmente a linearidade da mensagem, mas teve como efeito positivo a ampliação do alcance comunicativo. Assim, observa-se a tensão entre sobrecarga na tarefa e maximização da compreensão coletiva.

A análise evidencia, mais uma vez, o papel coparticipativo da audiência surda no processo interpretativo. O *feedback* foi decisivo tanto para a percepção da lacuna interpretativa (ausência de marcação da entonação) quanto para o fornecimento de alternativas lexicais (novos sinais). O público, portanto, atua como agente regulador da interpretação, interferindo diretamente nas decisões do profissional e contribuindo para o ajuste do produto final. Ainda que tal dinâmica implique maior instabilidade no processo, confirma-se que o *feedback* é um elemento estruturante na interpretação em Libras, funcionando como gatilho externo para a adoção de estratégias e como instrumento para garantir a inteligibilidade da mensagem.

Quadro 5 – Análise da interpretação 2.

Trecho em português	Comentário explicativo do pesquisador	Estratégias Linguísticas acionadas
[...] Vamos falar um pouquinho sobre os amparos legais. O Cris estava falando que a legislação no Estados Unidos é bastante robusta. Aqui, nós temos algumas, no caso dos surdos usuários de Libras nós temos a Lei 10.436 de (1) 2012 e o Decreto 5.626 de (1) 2005. Aos quais garante também o serviço de interpretação em (2) contextos da saúde. Para as comunidades indígenas, nós temos uma (3) portaria que criou o selo “Hospital amigo do índio” que provém acompanhantes/ intérpretes/amigo que vai aos hospitais “/parente”. Enfim, é o que temos de amparo legal em alguns estados do norte do país. Uma ação mais local, aconteceu em São Paulo agora em 2016, uma lei municipal (4) para refugiados e imigrantes. É o artigo 12 (4) da lei 16.478 que destaca aspectos de atendimento em saúde, considerando integralidade, para valorizar as especificidades culturais, em atendimento, considerando os aspectos linguístico e cultural do usuário [...]	Nos trechos (1) em destaque, houve omissões de algumas informações. No trecho seguinte, (2), a intérprete precisou reduzir as informações. No trecho (3), a intérprete fez empréstimo linguístico do Português e soletrou a palavra [P-O-R-T-A-R-I-A]. No trecho (4), ocorrem omissões das informações em destaque.	Omissão, redução e empréstimo linguístico.

Fonte: elaborado pelo autor.

Na interpretação 2 (Quadro 5), os impactos observados variam conforme a estratégia. As omissões revelam a necessidade de preservar a linearidade diante de informações densas (listas, leis), ainda que à custa de perder detalhes. A manutenção do sinal “INDÍGENA” expõe a tensão entre fidelidade às fontes legítimas (pesquisadores surdos indígenas) e a reação imediata da plateia, evidenciando como certas escolhas podem gerar conflito visual e afetar a confiança do intérprete. O empréstimo e reformulação de SUS gerou uma pausa no fluxo e levou a uma omissão subsequente, resultado do tempo gasto na negociação lexical. Já a redução aparece como uma solução intermediária, que mantém a essência da mensagem sem comprometer a compreensão, ainda que simplifique o conteúdo. Em todos os casos, nota-se um aumento do esforço cognitivo decorrente da necessidade de monitorar simultaneamente o discurso da palestrante e as reações da audiência. Conforme destacado pela intérprete:

[...]Eu senti uma certa incomodação da plateia com a escolha do meu sinal de “INDÍGENA”. Mas eu continuei mantendo. Eu mantive o sinal porque eu não lembrava de outros sinais, porque alguns, é, algumas pessoas da plateia optaram, queriam esse sinal. Mas eu tinha aprendido com pesquisadores surdos indígenas que o sinal era esse aqui ou esse aqui (ela mostra como executar os sinais), aí eu continuei mantendo. Mas, queira ou não afeta né?! Porque visualmente quando você olha umas caras

torcidas, uma expressão que não é muito é... como é que eu posso dizer?! Que não é muito clara, não é muito nítida, não é um *Feedback* positivo isso afeta. Mas por outro lado o intérprete precisa fazer escolhas e eu estava segura na tradução desse sinal por justamente, porque ele tinha vindo de pesquisadores surdos indígenas, que são legitimados para apresentar o sinal, eu não estava inventando um sinal, só estava atendendo a uma comunidade legítima que pesquisou, que trabalhou, que enfim né?! E não necessariamente essas pessoas que queriam esse sinal aqui elas tinham talvez noção da questão conceitual, então esse sinal aqui remete a tribo, tribo é uma palavra que no próprio português ela já é complicada para usar, a gente se fala mais de etnias linguísticas, etnias indígenas, comunidades indígenas né?! Aonde que tem um pouco disso também.

A análise mostra a centralidade do *feedback* da audiência surda como gatilho para decisões interpretativas. As expressões de incômodo, as sugestões de sinais e a negociação interna da comunidade em torno de determinados termos (como “INDÍGENA” ou “SUS”) revelam que o público atua como coprodutor da interpretação, influenciando escolhas lexicais, ajustes de estratégia e até pausas na entrega. Além disso, o relato da intérprete corrobora com a noção de Esforço de Interação Imediata com o Público Surdo (Pointurier-Pournin, 2014), que implica administrar simultaneamente a recepção da fala em português e os sinais visuais emitidos pela audiência. Tal esforço adiciona complexidade ao processo e, em alguns momentos, pode comprometer a fluidez. No entanto, também fortalece a legitimidade e a adequação cultural da interpretação, evidenciando que, em contextos de Libras, a audiência não é apenas receptora, mas parte ativa na construção do produto final, tal como pode ser observado no relato a seguir

[...] eram 3 pessoas que queriam o uso desse sinal antigo, os próprios surdos que concordaram e que não concordaram depois começaram a conversar sobre esse sinal. E uma pessoa da plateia explicou para essas outras pessoas que o novo sinal era aquele. Então, resolveu o conflito visual. E você tá vendo isso acontecer e você tá seguindo aquilo que a palestrante tá fazendo, mas onde olho não deixa de registrar esses outros sinais, essas outras pistas. Eu acho que antigamente essa situação ela era mais complicada ainda porque muitos intérpretes teriam a tendência de parar e explicar, que “não é um novo sinal, pesquisadora tal falou”. Mas eu obviamente não optei por isso né?! Optei em continuar e que as comunidades se resolvam nos seus acordos culturais, nos seus conflitos né?! Eu não podia parar a interpretação! Nesses casos eu acho muito interessante um papel de um assessor, digamos assim, de interpretação, não necessariamente, ele não é intérprete, ele é só alguém que está ali pra explicitar, entende? Ele não tem esse compromisso de tá interpretando, não sei nem se a gente tá maduro o suficiente pra isso, mas nos contextos políticos, nos contextos jurídicos, em alguns países, o distanciamento cultural é tão grande que a pessoa ela deseja uma explicitação, e ela não pode perguntar essa explicitação para o intérprete, não é esse o profissional que tem essa responsabilidade, e ela também não quer perguntar ao juiz, então ela pode perguntar para uma terceira pessoa que seja legitimamente é... digamos assim, legitimamente endossada pelo sistema, pela comunidade para poder prestar todas as dúvidas, culturais, linguísticas, que seja. Eu acho isso muito pertinente, mas obviamente que a gente tá falando de uma justiça

ou de contextos culturais muito sofisticados né?! Bem diferentes das tendências atuais, então eu não sei até em que medida isso pode acontecer, o que é certo é que seus olhos, ele tá perante um duplo esforço, primeiro porque o *feedback*, as pistas que vem da plateia e do próprio apoio, obviamente, elas também dizem coisas, o próprio “Gile” fala sobre “esforço de ver e ouvir” né?! Então até que ponto isso também é diminui o teu desempenho, como que você realiza suas escolhas, enfim, seria muito interessante que a gente tivesse eletrodos no cérebro na situação real que pudessem detectar quais áreas cerebrais foram ativadas quando você emitiu um determinado olhar e que impacto isso te na interpretação ou não?

Em síntese, o conjunto desses episódios revela a complexidade da atuação do intérprete em contextos de conferência em momentos em que há interação direta com a audiência surda. As estratégias adotadas — omissão, manutenção de escolhas lexicais, empréstimo e redução — mostram-se como respostas adaptativas a uma dupla pressão: a densidade informativa da fala da palestrante e o *feedback* ativo da plateia. Se, por um lado, tais escolhas podem gerar rupturas momentâneas, pausas e sobrecarga cognitiva, por outro, demonstram a habilidade do intérprete em gerenciar conflitos e negociar sentidos em tempo real, assegurando a inteligibilidade do produto final. Dessa forma, confirma-se que a interpretação em Libras se constitui em um processo essencialmente interativo, no qual o *feedback* do público deixa de ser acessório e se torna um elemento estruturante da tarefa.

Quadro 6 – Análise da interpretação 3⁶

Trecho em português	Comentário explicativo do pesquisador	Estratégias Linguísticas acionadas
[...] Então, a (1) autoria eu fiz questão de colocar, não é eu (2) Silvana Aguiar que vos fala, mas é uma equipe junto comigo, a equipe TILSJUR UFSC. Temos (3) Hanna Beer, Luciele, Dodora que é uma pesquisadora surda com o tema sobre delegacias, o intérprete de Libras nas delegacias. O tema da Luciele é gêneros textuais, a Hanna não é minha orientanda, mas (4) é membro do TILSJUR. Temos, também, (5) o Guilherme, orientando de mestrado, a pesquisa dele é sobre (6) intérprete surdo dentro da esfera jurídica. Temos a (7) Michele, a (8) Brenda, a (9) Michele é mestre e secretária do Departamento de Língua Brasileira de Sinais. Temos a (10) Brenda que é aluna do Letras: Libras licenciatura. E junto com todo esse corpo de participantes, temos, também, a professora (11) Marianne Stumpf que, depois eu vou apresentar mais detalhadamente qual é a função de cada um.	Neste trecho (1), o intérprete utilizou o empréstimo linguístico por meio da datilologia para [A-U-T-O-R-I-A]. No trecho (2), o intérprete utilizou a estratégia de cenarização quando a palestrante fala que está representando a equipe de profissionais do projeto. No trecho (3), a palestrante mencionou os nomes dos componentes da equipe, o intérprete fez uma mescla entre a estratégia de empréstimo linguístico e substituição. Em (4), ocorreu omissão. E no trecho (5), para Guilherme, ele utilizou empréstimo linguístico por meio da soletração [G-U-I-L-H-E-R-M-E]. Já no trecho (6), a palestrante menciona o membro do grupo faz pesquisa sobre intérpretes surdos no judiciário, mas o intérprete transmite que ela pesquisa sobre surdos na esfera jurídica, portanto, ocorreu uma omissão. No trecho (7) houve a utilização de empréstimo linguístico por meio da datilologia [M-I-C-H-E-L-E]. No trecho (8) e (10), houve a utilização de empréstimo linguístico por meio da datilologia, entretanto, a soletração ficou incorreta [R-E-N-D-A]. Contudo, uns segundos depois a palestrante retoma o nome e o intérprete faz a soletração correta do nome [B-R-E-N-D-A]. No trecho (9) houve a utilização de empréstimo linguístico por meio da datilologia [M-I-C-H-E-L-E]. No trecho (11) o intérprete utilizou a estratégia de substituição e fez de forma direta o sinal para “Marianne Stumpf”.	Empréstimo linguístico, substituição e omissão.

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste episódio (Quadro 6), o intérprete utiliza uma estratégia de incorporação de sinais fornecidos pela audiência, sobretudo em relação a nomes próprios que lhe eram desconhecidos. A interação não se restringe ao apoio de outro intérprete, mas inclui surdos da plateia que, ao reconhecerem os nomes mencionados, sinalizam espontaneamente para contribuir com a interpretação. Essa prática caracteriza o que Pointurier-Pournin (2014) denomina Esforço de Interação Imediata com o Público Surdo, em que o profissional mobiliza

⁶ O vídeo há que se refere as análises da interpretação 3 está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=14>

o esforço de recepção de informações externas e decide, em tempo real, incorporá-las ao produto entregue. Observamos claramente essa questão, nas informações fornecidas pelo intérprete:

[...] Só que ela começou a citar nome de pessoas do grupo, e eu desconheço o nome das pessoas, quer dizer, os nomes dá para fazer porque usa a datilologia, mas eu desconheço os sinais das pessoas, e nesse momento o apoio estava lá, começou a fazer. E eu me recordo bem que para além do apoio que estava me dando, quem me deu esse apoio, foi engraçado, *não eram os intérpretes de apoio, eram surdos na plateia que involuntariamente viam os sinais e faziam, viam a datilologia e faziam os sinais, por conhecerem, por saberem, inclusive surdos que não é minha referência, porque eram surdos que eu não conhecia, uma coisa é você olhar para surdos que você conhece da plateia, tipo: eu sei que eu conheço, eu sei que ele deve saber o sinal, não é caso, então quando eu direciono o olhar para o intérprete de apoio, atrás do intérprete de apoio tinha um grupo de surdos, e essa, uma surda, não sei se ela faz parte do grupo, não sei, ela começou a fazer os sinais das pessoas, e ela fazia sem olhar tipo para mim, tipo: olha o sinal é esse. Você percebe, você faz uma leitura, mas ela fazia e eu fui catando isso, os sinais, dos nomes próprios que eles foram fazendo.* (grifo nosso)

O impacto imediato foi o aumento da complexidade da tarefa. O intérprete, além de processar a fala da palestrante, precisou avaliar a confiabilidade da informação recebida da audiência e decidir rapidamente se a incorporaria. Esse duplo esforço aumentou o risco de produzir informações equivocadas e, conseqüentemente, a necessidade de possíveis reformulações. Além disso, o desvio momentâneo de atenção para captar sinais vindos da plateia pode gerar omissões de informações subsequentes da língua de partida. Assim, a estratégia ampliou as possibilidades de precisão lexical (ao incorporar sinais corretos para nomes próprios), mas também fragilizou a continuidade e linearidade do discurso.

A cena ilustra com clareza o papel coparticipativo e ativo da audiência surda na interpretação. Mais do que receptores passivos, os participantes se tornaram fornecedores de insumos lexicais, interferindo diretamente no produto. Esse tipo de *feedback* reforça que, na interpretação para Libras, o público exerce função de corresponsabilidade na construção da mensagem, ainda que de forma não planejada. No entanto, essa coparticipação também acentua a vulnerabilidade do intérprete, que precisa lidar simultaneamente com a fala da palestrante, os sinais do apoio e as contribuições não solicitadas por ele à plateia, reorganizando seus esforços cognitivos para manter a entrega compreensível e adequada.

Quadro 7 – Análise da interpretação 3.

Trecho em português	Comentário explicativo do pesquisador	Estratégias Linguísticas acionadas
[...] Qu e se chama (1) TILSJUR. Talvez alguns de vocês já conheçam. Esse programa de extensão é muito singelo e ele se nomeia (2) Tradutores e Intérpretes de línguas de sinais na esfera jurídica, ele é um programa baseado no afeto, na pesquisa, já que (3) (4) está na moda falar de afeto, mas não basta falar, a gente tem que exercer.	No trecho (1) ele utilizou o empréstimo linguístico junto com o sinal do projeto. Em (2), a palestrante falou o nome do programa de extensão, e o intérprete utilizou a estratégia da substituição, apontando para a projeção com a apresentação de slides. Nesse mesmo trecho ocorreu o uso da cenarização, pois ele utilizou o próprio corpo para dizer que o programa era de tradução judiciário [SINAL-MEU INTÉRPRETE JUSTIÇA], referindo-se a ele enquanto intérprete atuando no contexto jurídico. No trecho (3), o intérprete fez o empréstimo linguístico e soletrou [A-F-E-T-O], em seguida, fez uma adição (4) [LEMBRAR ONTEM A-F-E-T-O SENTIR CARINHO], traduzindo a frase anterior “está na moda falar de afeto”. A adição feita por ele demonstra que aquela temática já havia sido tratada e que o público da interpretação já teve acesso a ela.	Empréstimo, substituição, empréstimo linguístico e adição.

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste episódio (Quadro7), o intérprete emprega inicialmente a estratégia de empréstimo linguístico, soletrando [A-F-E-T-O], e em seguida recorre a uma adição por retomada, sinalizando “LEMBRAR ONTEM A-F-E-T-O SENTIR CARINHO”. Essa adição buscou recuperar informações já apresentadas em momento anterior da conferência, reforçando a continuidade temática e garantindo maior clareza para os receptores. Trata-se de uma decisão interpretativa que não apenas traduziu a frase “está na moda falar de afeto”, mas também ancorou a mensagem em um conhecimento prévio compartilhado. Tal como pode ser observado no relato abaixo:

[...] Peraí que ela tá falando de algo... aí eu coloquei “afeto, lembra?” Aí eu fiz: “lembra, ontem, sobre afeto? Tema Afeto da Interpretação.”. E, aí foi engraçado porque eu dei continuidade com muita segurança porque eu me recordo perfeitamente é... do *feedback* que os surdos fizeram, eles balançaram a cabeça “É Afeto” e tal que era uma surda, inclusive uma surda oralizada, que as vezes ela falava e a gente conseguia é... ouvir o que ela falava. Tá?! Eu acho que isso fez toda uma diferença, porque depois eu percebi que tinha uma surda que é formada em direito, eu descobri depois porque ela apresentou um trabalho sobre isso, e ela era uma das que mais prestava atenção na palestra e dava *feedback*, dava *feedback* positivo ou negativo [...]

A estratégia teve como impacto positivo a construção de coesão discursiva, já que a retomada ajudou os receptores a contextualizar a fala da palestrante dentro de uma sequência maior. Essa antecipação e reforço diminuem o risco de ambiguidades e favorecem a

compreensão. Por outro lado, ao expandir a informação e incorporar elementos adicionais, o intérprete aumenta a complexidade do processo e o esforço de coordenação, correndo o risco de comprometer a linearidade da fala subsequente. Ainda assim, no caso analisado, a estratégia foi realizada com segurança e contribuiu para a fluidez da entrega.

O papel da audiência foi central nesse episódio. O intérprete relata ter se apoiado nos *feedbacks* confirmativos e interativos de alguns receptores, especialmente de uma participante que reagia com expressões e sinais de concordância. Esses retornos funcionaram como validadores imediatos da estratégia, reforçando a confiança do intérprete e guiando suas escolhas em tempo real. Assim, observa-se que o *feedback* não apenas corrige ou questiona, mas também atua como um recurso de sustentação da interpretação, fornecendo sinais de que a mensagem foi compreendida e encorajando o intérprete a manter a direção escolhida.

Quadro 8 – Análise da interpretação 3.

Trecho em português	Comentário explicativo do pesquisador	Estratégias Linguísticas acionadas
[...] (1) Na época nem existia a Lei Maria da Penha e tanta outras coisas que perpassam. Então, a atuação profissional ela começa daí, mas eu só consegui colocar isso em prática depois que eu terminei o doutorado. Porque até então, ao longo da vida, eu nunca pensei em fazer direito no primeiro momento, porque eu queria trabalhar isso do ponto de vista da tradução. E a gente, sempre tem um foco muito grande em outros (2) contextos de atuação de intérpretes. Mas não é novo, o caminho da pesquisa pode ser novo, mas a atuação não. (3) Muitos intérpretes aqui já devem ter sido convocados para trabalhar em delegacia, trabalhar em tribunal, só que ninguém parou para escrever, aí tipo, eu acho que a gente precisa fazer um movimento também não só do contexto jurídico, mas de outros contextos que são emergentes e que (4) nem sempre se tornam tão evidentes assim. Então, em (5) 2016 eu comecei a montar esse diálogo junto com a professora (6) Marianne e com o André, para tentar sistematizar um pouco dessas atuações porque acho que tava mais que na hora, né! E, aí a gente começou a pensar nos contextos de atuação dos intérpretes	No trecho (1) o intérprete iniciou a soletração para o nome da lei, mas optou por substituir pelo sinal. Em (2) o intérprete fez explicitação da informação, quando a palestrante disse que “vê o foco de outros contextos de atuação do intérprete”, ele explicitou dizendo que “vê o foco em intérpretes no contexto educacional, da saúde, etc.”. No trecho (3) o intérprete fez uso de cenarização para dizer sobre a convocação dos intérpretes, então, ele utilizou o próprio corpo como se ele estivesse sendo chamado para alguma coisa. Em (4), o intérprete fez uma explicitação para transmitir o sentido do que a palestrante disse sobre “nem sempre se tornam tão evidentes assim”: [POR ISSO PRECISA PARECE JÁ LUGAR JUDICIÁRIO PEGAR EXPERIÊNCIA COMPARTILHAR DISCUTIR]. No trecho (5) mencionou o ano 2016, em que fez a datilologia, soletração do ano, e se equivocou, corrigindo em seguida. No trecho (6), o intérprete não utilizou empréstimo linguístico do Português para soletrar os nomes e fez a substituição pelos sinais de ambos. No trecho (7) ocorreu omissão de “fórum”,	Substituição, explicitação, erro, adição, substituição e omissão

porque obviamente a área jurídica não é um único contexto, existem vários: (7) fórum, área policial, delegacia, audiências, (8) conciliação, mediação, a (9) interpretação dentro curso de direito e educacional dentro do curso de direito, então você tem uma série de elementos para falar sobre isso. (10) E a gente se deparava e depara ainda com a falta de certificação e a avaliação da qualidade do serviço, a gente não pergunta para as pessoas surdas ou para os operadores do direito, se estão contentes com o trabalho oferecido, nem sempre às vezes (11) o próprio intérprete faz essa autoavaliação, o que é super importante, nem sempre a gente tem um intérprete mais velho...	enquanto em (8) ocorreu a omissão de “conciliação”. No trecho (9) o intérprete fez uma adição por redundância, utilizando 2 sinais para o dar o significado de “direito”. Ocorreu uma omissão de sentido em (10), pois a ideia transmitida pelo intérprete foi falta de certificação, ele não mencionou o tempo, se foi no passado ou se no presente. No trecho (11) houve uma cenarização, porque o intérprete utilizou o próprio corpo para representar o intérprete mencionado pela palestrante.	
---	--	--

Fonte: elaborado pelo autor.

Neste episódio (Quadro 8), o intérprete recorre a diferentes estratégias para lidar com a densidade da tarefa. Primeiramente, nota-se uma omissão de sentido ao não marcar o tempo verbal relacionado à ideia de “falta de certificação”, o que fragiliza a precisão semântica da mensagem. Em seguida, ele emprega a estratégia de empréstimo linguístico para a expressão “Lei Maria da Penha”, associada ao sinal oferecido pela intérprete de apoio. No entanto, diante da divergência entre o sinal sugerido pelo apoio e os sinais apresentados pelos receptores surdos, o profissional toma a decisão de manter a opção do apoio, fundamentando-se na confiança na colega de equipe e na expertise dela na área jurídica, como relatado a seguir.

[...] Diferente das outras vezes que eu peguei o apoio dos surdos. Eu acho que tem a ver com a confiança na equipe. O meu apoio nesse momento. Diferente de antes que eu peguei, eu meio que como se tivesse pego o apoio dos surdos né?! É... agora não, agora os surdos me fizeram o sinal para “Maria da Penha” (ele mostrou o sinal) E o meu apoio fez esse sinal aqui de “Maria da Penha” e aí nesse ponto quando eu tenho, quando eu estou em dúvida, além do meu filtro, ou, a não ser que tipo eu: “ah! Eu lembro de um sinal que eu já vi uma vez, que eu acho que é parecido com o que fulano tá me dando”, beleza. Mas nesse caso, eu acho que como equipe, porque eu não estou interpretando sozinho, só para ressaltar, eu estou analisando a minha interpretação, mas ela é fruto de um trabalho em equipe. O meu apoio nesse momento que era a Luciana Marques, ela é da área jurídica, só para contextualizar, ela é formada em direito, e o mestrado dela nos Estudos da Tradução ela trabalha com terminologia jurídica, então nesse ponto, além dela ser o meu apoio ela é alguém mais do que ideal para ser meu apoio numa palestra de interpretação em contexto jurídico.

A cena evidencia uma tensão entre manutenção da consistência terminológica e adaptação às preferências da audiência. Ao priorizar o sinal oferecido pela intérprete de apoio, o profissional assegura coerência com sua equipe e respaldo técnico especializado, mas, em contrapartida, cria um distanciamento em relação à audiência, que demonstrou desconforto. Esse posicionamento gerou um impacto duplo: de um lado, preservou a terminológica de um contexto jurídico altamente especializado; de outro, ocasionou ruídos na recepção, pois parte da plateia não se reconheceu na escolha lexical. Além disso, a omissão inicial do tempo verbal reforça como a necessidade de gerenciar múltiplos focos (fala da palestrante, apoio e audiência) pode resultar em fragilização de aspectos semânticos importantes.

A análise desse episódio reforça a relevância do esforço de interação imediata com os receptores surdos (IIS), uma vez que os receptores desempenharam papel ativo na tentativa de regular a interpretação, oferecendo alternativas lexicais e reagindo negativamente à escolha feita. Do ponto de vista do intérprete, esse momento explicita três tipos de interferência dos receptores: *feedback* negativo (expressando insatisfação com o sinal utilizado), apoio dos receptores (ao fornecer sinais alternativos) e intervenção (quando há resistência por parte do intérprete em aceitar as sugestões, gerando desconforto). A decisão de manter o sinal oriundo do apoio técnico evidencia a complexidade do gerenciamento entre diferentes fontes de informação, mostrando que, em contextos jurídicos, a legitimidade da terminologia pode pesar mais que a expectativa imediata da audiência.

Em síntese, esse episódio ilustra de forma exemplar a tensão que se estabelece entre a necessidade de coerência terminológica e técnica e a demanda de responsividade à audiência surda. Ao optar por manter o sinal sugerido pela colega de apoio especializada em terminologia jurídica, o intérprete privilegiou a consistência e a legitimidade da escolha, ainda que em detrimento da aceitação imediata da plateia. O caso revela que, em determinados contextos, a interpretação demanda não apenas sensibilidade às reações do público, mas também julgamento profissional sobre quais fontes de referência devem prevalecer. Esse equilíbrio delicado evidencia que o *feedback* da audiência, embora constitutivo do processo, não é o único parâmetro de decisão: ele precisa ser constantemente negociado com outros elementos, como a expertise da equipe de apoio e as exigências do campo especializado.

4 Resultados

As análises apresentadas até aqui evidenciam que o *feedback* da audiência não apenas interfere nas decisões dos intérpretes, mas também estrutura o próprio processo interpretativo em Libras. A partir dos episódios analisados, foi possível identificar diferentes formas de manifestação do público, cada uma com impactos específicos sobre a tarefa e o produto final. Para sistematizar essas ocorrências, elaboramos um quadro (Quadro 9) que organiza os principais tipos de *feedback* observados, suas características e as estratégias frequentemente mobilizadas pelos intérpretes diante deles.

Quadro 9 – Tipos de *Feedbacks* da audiência surda, impactos e estratégias acionadas.

Tipo de <i>Feedback</i>	Descrição	Impacto na Interpretação	Estratégias Linguísticas acionadas
Interrogativo	Interrupções ou sinais de dúvida da audiência, questionando ou pedindo esclarecimento.	Aumenta o esforço cognitivo; gera ruptura no fluxo e necessidade de reformulação; risco de omissões posteriores.	Explicitação, Adição e Empréstimo linguístico
Confirmativo	Expressões e sinais de concordância (ex.: acenos de cabeça, sinais de 'entendido').	Valida as escolhas do intérprete; aumenta segurança e fluidez; reforça a coesão discursiva.	Explicitação e Adição por redundância.
Corretivo	Audiência sugere outro sinal, aponta falha ou propõe alteração.	Aumenta o esforço cognitivo; pressiona a tomada de decisão; pode gerar conflito;	Reformulação e Substituição.
De Incompreensão	Expressões de dúvida, sinais incompreensão, pedidos de repetição, discussões paralelas entre o público sobre os significados das informações recebidas;	Aumenta o esforço cognitivo; exige reformulação imediata da mensagem; risco de pausas e omissões subsequentes.	Reformulação, Explicitação, Adição e Omissões.
Interativo/Colaborativo	Audiência participa ativamente, fornecendo sinais ou complementando a informação.	Amplia precisão lexical e legitimidade cultural; pode fragmentar a linearidade das informações.	Adição por redundância, Substituição e Empréstimo linguístico.
Negativo/Resistência	Reações de incômodo ou rejeição a determinada escolha lexical.	Gera desconforto e insegurança no intérprete; força negociação entre informação técnica e a informação recebida da audiência.	Reformulação, Substituição e Omissão.
Presumido	Quando o intérprete não recebe informações diretas da audiência, mas projeta	Aumenta a carga cognitiva, pois demanda planejamento antecipado	Empréstimo linguístico, Adição por redundância e Explicitação.

	possíveis dificuldades de compreensão e aciona estratégias de forma preventiva.	e pode gerar omissões se prolongado.	
--	---	--------------------------------------	--

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro-síntese (Quadro 9) apresentado sistematiza os principais tipos de *feedback* observados na pesquisa, reunindo suas descrições, impactos na interpretação e estratégias mais recorrentes. Essa organização permite visualizar de forma clara como diferentes manifestações da audiência surda moldam as escolhas interpretativas, seja reforçando a segurança do intérprete, seja impondo rupturas e a necessidade de replanejamento imediato.

A comparação entre os tipos de *feedback* evidencia que alguns deles favorecem a fluidez e a inteligibilidade do discurso, como os confirmativos, que validam as escolhas e funcionam como suporte à continuidade da tarefa. Outros, entretanto, aumentam significativamente a sobrecarga cognitiva do intérprete, como os interrogativos, corretivos e de incompreensão, que exigem respostas rápidas e podem gerar omissões ou erros. Já os *feedbacks* interativos/colaborativos ilustram a dimensão dialógica da interpretação em Libras, ao passo que os negativos ou de resistência expõem os dilemas do intérprete entre atender às expectativas da audiência e manter a legitimidade técnica ou terminológica. Por fim, o *feedback* presumido, identificado em alguns episódios, mostra a capacidade de o intérprete prever possíveis dificuldades da plateia e agir preventivamente, mesmo sem manifestações explícitas.

Os dados evidenciam que o *feedback* da audiência surda, em suas diversas manifestações, demanda do intérprete um processo contínuo de monitoramento das reações do público, sejam elas positivas ou negativas. Esse acompanhamento constante é o que possibilita ajustar a entrega em tempo real, reformular trechos, reforçar informações ou mesmo manter determinadas escolhas terminológicas com base na leitura do comportamento da audiência. Tal monitoramento, entretanto, amplia consideravelmente o esforço de coordenação (GILE, 1999), pois concorre com os demais esforços de recepção, memória e produção. Assim, a atenção do intérprete se divide entre o discurso da palestrante, os *feedbacks* do intérprete de apoio e os retornos da plateia, configurando um cenário altamente dinâmico que exige decisões instantâneas e estratégicas para manter o equilíbrio entre fluidez, clareza e a maximização da informação entregue (GILE, 2009).

De modo geral, os dados analisados demonstram que o *feedback*, em suas múltiplas formas, não deve ser entendido como um elemento periférico, mas como parte constitutiva do processo interpretativo em Libras. Ele atua como termômetro da produção, guia as tomadas de decisão em tempo real e, ao mesmo tempo, expõe o intérprete a constantes negociações e reformulações.

Essas constatações apontam para implicações diretas na formação de intérpretes: é necessário desenvolver subcompetência específica para lidar com *feedbacks* em tempo real, equilibrando a continuidade do discurso e a adequação terminológica com a responsividade à audiência. A formação profissional deve, portanto, incluir práticas que simulem esses cenários de interação, favorecendo o gerenciamento estratégico dos esforços.

6 Considerações finais

Este estudo investigou os efeitos do *feedback* da audiência surda na interpretação simultânea do Português do Brasil para a Libras em contextos de conferência. Os resultados revelaram que tais intervenções, longe de serem periféricas, configuram-se como parte constitutiva da prática interpretativa em língua de sinais. O *feedback* mostrou-se capaz de ampliar a clareza e a eficácia da comunicação, mas também gerou aumento do esforço cognitivo, reformulações, adições e omissões, confirmando a hipótese da “corda bamba” proposta por Gile (1999).

Verificou-se ainda que os intérpretes enfrentam constantemente o dilema entre responder ao *feedback* imediato (correndo o risco de perder informações subsequentes) ou manter o fluxo da interpretação do discurso. Essa tensão evidencia que a interpretação em Libras, por ocorrer face a face com os usuários, exige não apenas esforços cognitivos, mas também habilidades de gestão interativa, em consonância com a proposta de Pointurier-Pournin (2014) sobre o esforço de interação imediata com receptores surdos.

Nesse sentido, a principal contribuição desta pesquisa consiste em destacar que a formação de intérpretes deve contemplar práticas que preparem o profissional para lidar com o *feedback* em tempo real, simulando situações de pressão cognitiva e de negociação interativa com a audiência. Além disso, os achados oferecem subsídios para repensar a atuação em

conferências e outros contextos, reforçando a compreensão da interpretação em Libras como uma prática social mediada pela interação.

Assim, o estudo amplia o debate nos Estudos da Interpretação, ao propor que o *feedback* seja entendido não apenas como um desafio a ser contornado, mas como um componente estruturante da prática interpretativa. Ao reconhecer seus impactos e potencialidades, abre-se espaço para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de atuação e para a consolidação de formações que preparem intérpretes a responder de modo crítico, ético e eficiente às demandas do público surdo em diferentes contextos de atuação.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras ampliem a análise do *feedback* da audiência surda para outros contextos interpretativos — educacionais, jurídicos, artísticos e midiáticos — a fim de compreender de que modo as especificidades de cada situação influenciam as estratégias adotadas e a dinâmica de interação entre intérprete e público.

Referências

BARBOSA, Diego Maurício. Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa - língua brasileira de sinais em contexto de conferência. 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219275>. Acesso em: 07 out. 2025.

BARTŁOMIEJCZYK, M. Anticipation: A controversial interpreting strategy. In: Translation and Meaning. Part, v. 8, 2008. p. 117-126.

COKELY, D. The effects of lag time on interpreter errors. In: Sign Language Studies, v. 53, n. 1, 1986. p. 341-375.

GILE, D. Testing the Effort Model's tightrope hypothesis in simultaneous interpreting – A contribution. HERMES. In: Journal of Linguistics, n. 23, 1999. p. 153-172. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/289204277_Testing_the_Effort_Models'_Tightrope_Hypothesis_in_Simultaneous_Interpreting_-_A_Contribution. Acesso em: 07 out. 2025.

GILE, D. Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training. Revised Edition. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

GILE, D. Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea - uma contribuição. Tradução: WEININGER, Markus J; SANTOS, Giovana B. F.; BARBOSA, Diego Maurício. In: Cadernos de Tradução. Florianópolis: 2015.v. 35, n. 2. p. 590-647.

JONES, Roderick. Conference interpreting explained. Routledge, 2014.

LAWRENCE, S. Expansion and Compression. In: VIEWS. Alexandria, EUA: RID – Registry of Interpreters for the Deaf, 2007.

LEESON, L. Making the Effort in Simultaneous Interpreting. In: Topics in Signed Language Interpreting, Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 51-68.

LEVÝ, Jiří; ALTHOFF, Gustavo; VIDAL, Cristiane. Translation as a Decision Process / A Tradução como um Processo de Tomada de Decisão. In: Scientia Traductionis, Florianópolis, n. 11, jul. 2012. p. 72-96. ISSN 1980-4237. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2012n11p72>. Acesso em: 07 out. 2025. doi: <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2012n11p72>.

NAPIER, J. Linguistic Coping Strategies of Sign Language Interpreters. Ph.D. diss., Macquarie University, 2001.

POINTURIER-POURNIN, Sophie. L’interprétation en Langue des Signes Française: contraintes, tactiques, efforts. Linguistique. Université Paris 3- Sorbonne Nouvelle, Thèse de doctorat en traductologie, 2014. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01077924/document>. Acesso em 07 out. 2025.

PYM, A. On omission in simultaneous interpreting. Risk analysis of a hidden effort. Working version of a text published. In: HANSEN, G.; ANDREW, C.; HEIDRUN, G. (Eds.). Efforts and Models in Interpreting and Translation Research. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008. p. 83-105. Disponível em: http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/2008_omission.pdf. Acesso em: 07 out. 2025.

RICCARDI, Alessandra. On the evolution of interpreting strategies in simultaneous interpreting. In: Meta: Journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal, v. 50, n. 2, 2005. p. 753-767.